

# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais  
e práticas educativas



Joaquim dos Santos  
Jessica Correia Duarte Nuvens  
Antônio Carlos Dias de Oliveira  
(Organizadores)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais  
e práticas educativas



Joaquim dos Santos  
Jessica Correia Duarte Nuvens  
Antônio Carlos Dias de Oliveira  
(Organizadores)

**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Joaquim dos Santos  
Jéssica Correia Duarte Nuvens  
Antonio Carlos Dias de Oliveira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas / Organizadores Joaquim dos Santos, Jéssica Correia Duarte Nuvens, Antonio Carlos Dias de Oliveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-772-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.724211412>

1. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Nuvens, Jéssica Correia Duarte (Organizadora). III. Oliveira, Antonio Carlos Dias de (Organizador). IV. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Este e-book é resultado das pesquisas produzidas por diferentes estudiosos, de várias áreas do conhecimento e de diversas regiões do Brasil. Com a mesma relevância, o livro conta com capítulos assinados por investigadores estrangeiros, cujas análises são significativas para o rompimento de fronteiras espaciais e culturais a respeito do tripé que sustenta esta obra, pois as relações dialógicas entre diferentes saberes e sujeitos produtores de conhecimento científico são essenciais para o fortalecimento do debate e sua apropriação política, cultural, social, a fim de promover transformações sociais.

Os textos reunidos trazem à baila a compreensão do debate indissociável entre gênero, raça, classe e sexualidade. Esses marcadores sociais da diferença são postos estando imersos na(s) cultura(s), em seu amplo sentido: como modos de ser e viver o mundo. Como um mosaico constituído e marcado pelas diferenças, o livro agrega trabalhos de História, Educação, Direito, Psicologia, Economia, Linguística, Educação Física e Enfermagem. Isso reforça o caráter interdisciplinar e transdisciplinar desse debate.

Nessa trilha, há pesquisas sobre as desigualdades de gênero nas teorias de justiça; (in)visibilidade de gênero nos planos municipais de educação; sexualidades na pré-adolescência; construção das masculinidades e sofrimento psíquico; escritas de si de um professor negro; trajetórias de vidas de pais adolescentes; violência contra as mulheres e os mecanismos contra homens violentos; violência doméstica; gênero e políticas públicas de saúde; crime de importunação sexual; feminicídio e construção de santidade feminina; bonecas negras e processos de empoderamento; relações de gênero no mercado de trabalho; e transexualidade e esporte.

Desejamos que esses escritos sejam lidos e apropriados nos diferentes processos de lutas políticas, econômicas, sociais e culturais. Com a mesma relevância, almejamos que eles sejam pontes de comunicação para a formação de consciência crítica no tocante à equidade de gênero na contemporaneidade, bem como concernente ao enfrentamento das diversas formas de violências vividas por sujeitos considerados integrantes das “minorias” sociais.

Joaquim dos Santos  
Jéssica Correia Duarte Nuvens  
Antonio Carlos Dias de Oliveira




## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA E SUA EXCLUSÃO DO CONTRATO SOCIAL: AS DESIGUALDADES DE GÊNERO COMO OBJETO DAS MODERNAS TEORIAS DE JUSTIÇA

Katarina Karol Brazil de Melo Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114121>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E A POPULARIZAÇÃO DAS TEORIAS FEMINISTAS


Júlia Salles Correia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114122>

### **CAPÍTULO 3..... 26**

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO PROBLEMA PÚBLICO: UMA ABORDAGEM PARA CONSTRUIR UM PROBLEMA, A GERAÇÃO DE UM MARCO JURÍDICO DE AÇÃO E INTERVENÇÃO COM HOMENS VIOLENTOS NO MÉXICO

Felipe Eduardo Reyes Pérez Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114123>


### **CAPÍTULO 4..... 42**

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CONSTRUÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE DA MULHER NO BRASIL E NO MUNDO

Aline Eggers

Roberto Vinícius Silva Saraiva

Evania Romanosky


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114124>

### **CAPÍTULO 5..... 53**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INTERFACE COM A RELAÇÃO DE GÊNERO E A GERAÇÃO

Sandra Natalie Silva


João Diógenes Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114125>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

'REPRESENTAÇÕES NEGRAS IMPORTAM': BONECAS DE MODA E AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS

Janaíne dos Santos Rolim


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114126>

### **CAPÍTULO 7..... 78**

MARTÍRIO, CASTIDADE E FEMINICÍDIO NO CEARÁ: O CASO DE BENIGNA CARDOSO

Jéssica Correia Duarte Nuvens


Joaquim dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114127>

**CAPÍTULO 8..... 90**

“VOCÊ TEM O DIREITO DE PERMANECER CALADO (A)”: A (IN)VISIBILIDADE DE GÊNERO NOS PLANOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO ALAGOANO


Amanda Monteiro Melo  
Micheline Marques Alves  
Fernanda Braga Peixoto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114128>

**CAPÍTULO 9..... 103**

ESCRITOS AUTOBIÁGRICOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR AFRODESCENDENTE


Cláudio José Araújo Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114129>

**CAPÍTULO 10..... 116**

O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES


Diary Igor Panta Marques  
Marcus Cezar de Borba Belmino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141210>

**CAPÍTULO 11..... 132**

CUANDO EL EMBARAZO OCURRE EN LA ADOLESCENCIA – UNA VISIÓN DESDE LOS ADOLESCENTES VARONES


Ana Laura Cafaro Mango

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141211>

**CAPÍTULO 12..... 143**

SEXUALIDADE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA


Nolasco Marcela

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141212>

**CAPÍTULO 13..... 154**

O LUGAR DO TRANSGÊNERO NO OCTÓGONO: GAME FACE

Aline Aparecida de Souza Ribeiro  
Natália Rodrigues Reis  
Priscila Gonçalves Soares


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141213>

**CAPÍTULO 14..... 164**

IGUALDADE DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DE SANTARÉM: A ÓTICA DAS ADMISSÕES

Lorena de Sousa Marques  
Tarcísio da Costa Lobato

Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos  
Andréa Simone Rente Leão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141214>

<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>177</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>179</b>

## O LUGAR DO TRANSGÊNERO NO OCTÓGONO: GAME FACE

*Data de aceite:* 01/12/2021

*Data de submissão:* 25/08/2021

### **Aline Aparecida de Souza Ribeiro**

Centro Universitário De Valença - UNIFAA  
<http://lattes.cnpq.br/2061132781436329>

### **Natália Rodrigues Reis**

Faculdade De Educação Física e Desportos da  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Juiz de Fora- Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/2125464486627359>

### **Priscila Gonçalves Soares**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Sudeste de Minas  
Juiz de Fora- Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/5359005885941941>

**RESUMO:** Este ensaio se contextualiza no discurso biológico e dos aspectos físicos questionados pelo fato de Fallon Fox “ser um homem”. Apesar da mudança de sexo e a carga hormonal que a atleta foi submetida, é julgada pelo público e alguns lutadores que este não é seu lugar. O objetivo é discorrer sobre qual é o lugar do transgênero no octógono, pautado no documentário GAME FACE. Iniciamos uma narrativa a partir do documentário Game Face, narrativa esta que será embebida de opiniões e inferências a partir de referências teóricas e científicas que desconstruem, reiteram, ressignificam, transformam e questionam o lugar social, principalmente o lugar esportivo de um transexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pessoas Transgênero; Fallon Fox; Lugar Social; Lugar Esportivo.

### THE PLACE OF TRANSGENDER IN THE OCTAGON: GAME FACE

**ABSTRACT:** This essay contextualizes the biological discourse and physical aspects questioned by the fact that Fallon Fox “is a man.” Despite the sex change and hormonal load the athlete has been subjected to, it is judged by the public and some fighters that this is not their place. The goal is to discuss what is the place of the transgender in the octagon, based on the documentary GAME FACE. We start a narrative from the documentary Game Face, a narrative that will be steeped in opinions and inferences from theoretical and scientific references that deconstruct, reiterate, resignify, transform and question the social place, especially the sports place of a transsexual.

**KEYWORDS:** Transgender People; Fallon Fox; Social place; Sporting place.

### INTRODUÇÃO

A mídia esportiva brasileira é marcada pela predominância de matérias e notícias sobre o futebol e pela invisibilidade de outros esportes, este fato é observado não só por telespectadores como pelos profissionais envolvidos com o esporte. No que tange à televisão a dominação deste esporte é ainda mais frequente e expressiva, com horários e dias determinados e exclusivos para sua

transmissão, movimentando o setor esportivo, da mídia, do marketing e do *merchandising*, entre outros vinculados. Porém há alguns anos, para felicidade dos simpatizantes das lutas, as *Mixed Martial Arts* (Artes Marciais Mistas, MMA) vem ganhando espaço nas madrugadas da mídia esportiva televisiva. O MMA foi uma das grandes revelações da mídia esportiva da última década; praticantes, simpatizantes, curiosos tornaram-se telespectadores fiéis e canais exclusivos, com transmissão 24 horas foram criados cita-se o “Combate”, por exemplo.

O MMA é caracterizado pela aplicação de técnicas, golpes advindos de diversas lutas como jiu-jitsu, karatê, judô, boxe, muay thai, luta greco-romana e luta olímpica, são as mais observadas. Devido à sua ampla divulgação e espaço que vem ocupando, o MMA tem se destacado no universo cultural das lutas. As notícias sobre esta arte marcial mista são veiculada em sites, blogs, revistas, jornais, canais fechados e abertos, filmes, documentários e demais meios de divulgação que são de fácil acesso ao público. Assim seduzindo e facilitando o público a acessar o conteúdo trazido sobre o MMA (GRESPLAN e GOELLNER, 2014; MAIA e LINS, 2013).

Para os estudiosos da história não é novidade este movimento, Melo e Vaz (2008) identificam as lutas como um ambiente de ânimos à flor da pele e que, apesar de “ultrapassado” na constituição de uma sociedade moderna na transição do século XIX para o XX, atraía grandes multidões. Soares (2010) identifica as lutas associadas às classes mais abastadas da sociedade, como uma forma de resistência a uma imposição social que se contrasta com o moderno.

Ao longo da história da humanidade, percebemos a presença da ênfase na masculinidade e virilidade nos ambientes de combate, como por exemplo, em Atenas, na Grécia Antiga, onde os cidadãos duelavam, chama a atenção o sacrifício e o sangue derramado pela vítima ao fim. Ao final do combate, o que ganha destaque é a degolação, seja ela ligada a menção de um herói da mitologia ou não, é o que distingue o herói, do sacrificado. Logo, o sangue é o que marca o vencedor da luta, da guerra e da violência. Neste contexto temos a construção do *homem de ferro*, aquele que supera e não demonstrar a dor assim tornando-se um símbolo de masculinidade, virilidade (GASTALDO, 1995; GRILLO, 2011 apud MAIA e LINS, 2013).

A ideia construída de homem/mulher, masculino/feminino, do binário, ela é predominante desde a antiguidade. Ao longo da história o entendimento de binarismo vem sendo modificado histórica e culturalmente. Levando em consideração o destaque da masculinidade demonstrada nas atividades, o sentimento de pertença daquela tarefa é destinado somente ao homem. Além disso, a ideia de que o homem seria o sujeito universal e a mulher o outro absoluto é marcada, sendo a mulher assim destacada por suas características fisiológicas. Ao analisar a história percebemos a subordinação da mulher ao homem, notando sempre as características de cada um bem delineada na sociedade, seja ela qual for. Esta dicotomização dos gêneros deve-se ao fato do homem sempre ter

ocupado os espaços públicos da sociedade, restando à mulher o ambiente doméstico (BENTO, 2006, p. 71 e 72).

Não é possível pensar em uma sociedade moderna sem as lutas sociais, sem as lutas de classe e sem as lutas feministas, lutas dos “corpos estranhos, bizarros” e demais lutas para conquistar espaço na sociedade e o respeito dos sujeitos. Butler (1999) traz outro sentido para polemizar as discussões de gênero, baseada no rompimento com o heterossexismo generalizado nos estudos feministas, procurando proporcionar aqueles que estão a certa distância da heteronormatividade e possibilidade de identificação. Então ao longo da história, as mulheres lutaram para conquistar seu espaço e romper com a ideia do espaço público destinado aos homens e o espaço doméstico delegado à elas. Para além das lutas homem/mulher, surgem corpos estranhos, bizarros, perante os olhos da sociedade, surge um corpo *queer*<sup>1</sup> (BENTO, 2006, p.72 e 73; RIBEIRO, 2011).

Assim como aconteceu com o futebol, o MMA também era uma prática permitida apenas aos homens. Historicamente e culturalmente o MMA era tido como um lugar ligado às masculinidades e virilidades, sobressaindo a heteronormatividade sendo idealizado por aqueles indivíduos culturalmente construídos como masculinos (SOARES, MOURÃO e FERNANDES, 2017). O lugar da mulher nestas práticas foi, por muitos anos, as práticas clandestinas e o papel social de espectadoras.

As coisas começaram a mudar no MMA em 23 de fevereiro de 2013, no octógono, local onde somente eram exibidas lutas entre homens, em que este era o sujeito universal (BENTO, 2006, p.71), recebe Ronda Rousey e Liz Carmouche para a luta principal, objetivando a disputa do cinturão peso galo, até então pertencente a Ronda. Não foi a primeira luta entre mulheres neste âmbito, porém a divulgação e a oficialização promoveram maior visibilidade para as mulheres no MMA. A aceitação e opinião do público foi muito grande, o presidente da instituição Dana White relatou que a luta foi melhor do que todos esperavam e que nenhum outro lutador do UFC tinha tanta atenção naquele momento quanto Ronda.

Ainda em 28 de dezembro de 2013, foi promovida uma luta entre Ronda e Miesha Tate, exibida antes da luta revanche entre Anderson Silva e Chris Weidman, sendo considerada a melhor luta da noite na ocasião. Desta forma, o local onde até então era predominantemente masculino passa ter a presença feminina e a visibilidade para elas é ampliada, diante das exibições de lutas grandes, principais e da grande divulgação.

O ano de 2013 ficou marcado para as mulheres no MMA, por conta da oficialização das mesmas na modalidade. Porém, ainda neste ano um outro evento marcou o MMA, um corpo *queer* é apresentado ao público. Como se não bastasse a presença feminina no octógono, destaca-se o corpo transgênero de Fallon Fox presente no octógono rompendo

---

1 O termo *queer* refere-se aqueles indivíduos não heterossexuais, como gays, transgêneros e outros. Este termo denigre o sujeito a que se refere, estando relacionado com insultos, patologias, acusações e xingamentos. O interessante é que os próprios sujeitos *queer* denominam-se assim. Estes sujeitos desestabilizam, transgridem, perturbam os demais sujeitos (BENTO, 2006, p.80; RIBEIRO, 2011).

com a heteronormatividade, com o heterossexualismo até então presente no ambiente as lutas, onde homens duelam com homens e mulheres contra mulheres, justificado estritamente pelo discurso biológico.

Os sujeitos *queer*, denominam-se assim como bizarros, estranhos para expor a não aceitação daquilo que é diferente. Eis que esse sujeito que provoca e fascina surge no octógono perturbando o público, desestabiliza o público. Então, em 24 de Março de 2013, é feito o anúncio em diversas mídias esportivas, da luta no MMA, entre a transexual Fallon Fox e Allanna Jones, pela semifinal *Championship Fighting Alliance*.

As reações à esse corpo estranho foram diversas, tanto por lutadores do MMA quanto do público. Teve até lutador, o peso pesado Matt Mitrione, sendo suspenso do MMA por disseminar preconceito com relação à atleta. O discurso biológico predominou entre o público de modo a questionar como um homem iria lutar com uma mulher, o público ficou dividido, espantado com esse corpo estranho no octógono. A legitimidade de Fallon Fox no MMA foi questionada, pensando pelo lado biologicista ela é um homem e, possivelmente, tem mais força física do que uma mulher, apesar da troca de sexo.

Além do mais, o corpo *queer* rompe com a ideia da existência dos corpos tidos como normais, masculino e feminino, neste âmbito o homem-masculino tende a relacionar-se com a mulher-feminina, sendo esta uma via de regra. Este discurso contribuiu para romper com a heteronormatividade nos esportes e fora dele. Boyd Borton é Fallon Fox que é também uma transexual mulher e homossexual, rompendo com o binarismo, homem e mulher e o discurso heteronormativo esportivo e social.

Diante do discurso biológico, dos aspectos físicos questionados pelo fato de Fallon Fox “ser um homem”, pelos discursos de que temos um homem lutando contra uma mulher, mesmo levando em consideração a mudança de sexo e a carga hormonal que a atleta foi submetida, sendo então pelo público e alguns lutadores, julgado que este não é o lugar dela, nos questionamos: Qual é o lugar da Fallon Fox no octógono? Como ela lida com sua trajetória e com o preconceito? Nosso estudo visa discorrer sobre este questionamento pautado no documentário *GAME FACE*.

## **A ESCOLHA DO DOCUMENTÁRIO - THE GAME**

Com o início do “game”, retoma-se uma pergunta feita por Melo e Vaz (2008) qual a relação entre a sétima arte (cinema) e o esporte? Os autores respondem brilhantemente elencando aspectos históricos e sociais. Mas o que mais chamou a atenção neste texto foi a relação estabelecida com a literatura: “*A literatura, por exemplo, tem sido pródiga em dispor de suas imagens, talvez porque suas narrativas, seus personagens e ambientes (confusos, paradoxais, sombrios) sejam muito adequados à elaboração de boas histórias*”.

(p.4)

É neste lugar que nos colocamos agora, um lugar sombrio e escuro que reflete

os paradoxos sociais. Iniciamos uma narrativa a partir do documentário *Game Face*, narrativa esta que será embebida de opiniões e inferências a partir de referências teóricas e científicas que desconstroem, reiteram, ressignificam, transformam e questionam o lugar social, principalmente o lugar esportivo de um transexual.

Segundo Soares, Mourão e Fernandes (2017) o MMA é um espaço de masculinidades onde somente tem espaço aqueles denominados culturalmente como masculinos. Em um espaço onde o feminino já fica a margem e custa a conquistar um mínimo espaço, justamente por ser esse visto como um lugar de homens e não de mulheres imagina um corpo que não é nem isso e nem aquilo perante os olhos do público. Rompendo com o binarismo, homem/mulher, feminino/masculino surge um corpo *queer* no octógono, hostilizado e estigmatizado pelos espectadores.

A colocação deste corpo estranho, rompendo no espaço leva ao uso do discurso biologicista, para justificar por meio dos aspectos fisiológicos a contrariedade a inserção e injustiça da luta de Fallon Fox, contra uma mulher e por parte de espectadores e integrantes do MMA imperando a transfobia (GRESPLAN e GOELLNER, 2014).

Bracken (1997), em seu livro *Sociedade do Espetáculo* aborda como o cidadão comum passou a ser ator e plateia de uma sociedade movida por desafios, parte de uma sociedade moderna. Os espectadores por meio da aceitação e curiosidade por este corpo estranho no octógono são os juízes, ou seja, aceitando este corpo estranho aos olhos, ou pela força do protesto e indignação, de biologicamente ter um homem lutando contra uma mulher, afastá-lo do MMA. Se é um corpo dito como não feminino, denominado que ali não é o lugar apropriado para ele, onde será então o lugar apropriado para o mesmo?

Do ponto de vista biológico Fallon Fox é um homem com formato corporal, hormônios, força e demais características anatômicas e fisiológicas próprias de um homem, tornando então sobressalente à uma mulher. Assim, não é justo lutar contra uma mulher. Deste ponto de vista procurou-se explicar que a mulher transsexual é uma mulher que ao ressignificar-se, passa por alteração de hormônios o que faz com que ganho de força, perda de peso corporal e conservação de massa muscular seja dificultada na trans mais do que em uma mulher nascida fêmea. Com estes argumentos o objetivo é mostrar por veracidade biológica que a transformação deste corpo possui suas fragilidades e inferioridade em contraposição ao discurso de que o fato de Fallon Fox ter nascido homem lhe dá vantagens sobre uma adversária (GRESPLAN e GOLLNER, 2014).

Com os autores do pós-estruturalismo Butler (1999), Louro (2008) observa-se a “desordem” desta sociedade pós-moderna, onde o espetáculo é constituído e se constitui de “novos corpos”; os corpos *queer*: o corpo de Fallon Fox.

## “HOLOFOTES ACESOS”

Fallon Fox iniciou o processo de ressignificação sexual em 2003, e em 2008 iniciou



no MMA, ela tinha ido a uma academia buscando alguma atividade para manter a forma. O treinador gostou da forma como ela deu socos no saco de pancada e a convidou para começar a treinar lutas. Assim a transexual ingressa no mundo das lutas, pautada em seu desempenho em bater com jeito e força. Porém é importante destacar que neste início ela não revelou sua transexualidade.

A “Rainha das Espadas” (Fallon Fox) desenvolveu-se bem no esporte e conseguiu licença para lutar um campeonato feminino na Flórida. Mas, tinha dificuldades de marcar lutas porque havia um boato de que ela era transexual. Entretanto, Dana White alega que a dificuldade em marcar lutas está ligada ao fato de não ter adversárias à altura para o evento. Foi devido à esta dificuldade que ela contou ao treinador sobre sua mudança de sexo. O treinador pediu para que ela não contasse a ninguém porque poderia trazer uma imagem negativa para academia. Afinal, o meio das lutas é permeado por “machismo” demasiado, colocando o MMA como uma modalidade marcado por masculinidades. O esporte em si tem bem demarcado o lugar de homens/mulheres, do masculino/feminino, local destacado do binarismo, diante disto será evidenciado o corpo ou outro comportamento que saia fora da norma masculino e/ou feminino (BENTO, 2006; FERNANDES et al., 2015).

Fallon era “ele” e trabalhava como caminhoneiro antes da mudança de sexo; na empresa ela comunicou aos patrões sobre a mudança que faria e, dias depois, apareceu no trabalho como “ela”.

Fallon, aborda um aspecto interessante de mudança de conduta e comportamento dos demais homens que trabalhava como caminhoneiros na mesma empresa; ela relata que logo após a cirurgia aqueles homens estavam “chegando nela”.

Este tipo de comportamento reflete uma perspectiva masculina contraditória: o aspecto cultural do “ambiente masculino” incita a masculinidade e comportamentos viris associados ao sexo feminino; ao mesmo tempo este ambiente tem marcas do preconceito com homossexuais e transexuais. Porém a partir do momento que as mulheres adentram um ambiente facilitado para concepção de uma masculinidade normalizada, como por exemplo dirigir um caminhão ou o ambiente esportivo como as lutas, passa a ter a possibilidade de produzir novas identidades de gênero, ao passo que corpos reestruturados e ressignificados ficam evidentes pautados no que pode ser identificado como feminino. Esses corpos então factíveis de transitoriedade, passam a romper com o binarismo até então predominante, de maneira que constrói inúmeras possibilidades de feminilidades (FERNANDES, et al., 2015). O corpo de Fallon Fox ao desalinhar a ordem binária dos sexos e romper com a normalização dos corpos, seus gêneros e suas sexualidades desafia e tenciona o saber médico para o que é norma (GRESPLAN e GOELLNER, 2014). Assim esse corpo estranho, bizarro, causa curiosidade e desperta para que os “homens” tenham vontade de conhecer esse “corpo anormal” a título de passar a enquadrar esse corpo como homem/mulher. Entretanto, no ambiente das lutas, esse corpo *queer* sofre abjeção e repulsa, por não se enquadrar na norma homem/mulher.

Ela destaca que o significado da cirurgia de mudança de sexo é mais do que estético; é estar confortável com o próprio corpo, se sentir feminina e se identificar com a imagem corporal. A própria Fallon tem uma fala no documentário que diz: “Agora estou fazendo MMA e isso não é tradicionalmente considerado uma atividade feminina.”

E essa a reflexão central deste ensaio: qual é o lugar do transexual no esporte?

Fallon consegue autorização para lutar na Flórida e na Califórnia e vai para a primeira luta sem a divulgação de que ela é transexual. Após vencer a luta, Fallon fala que foi fantástica a experiência porque ela se sentiu bem, se sentiu vista como “uma pessoa normal”; destaca também que sabe que isso vai passar em breve e revela uma angústia pelo que está por vir. Esta fala de Fallon nos remete ao discurso da normatividade que propõe que os sujeitos devem enquadrar-se como homem/mulher, ou seja, dentro do binarismo sendo o sujeito alocado de acordo com o discurso biológico em que leva-se em consideração o sexo do sujeito assim colocando os indivíduos em posições naturais (BUTLER, 1999).

Ela vence a primeira luta contra Elisha Helsper, e deixa claro que os encontros com a imprensa são sempre tensos. Um jornalista liga para ela e diz que *“se o que disseram sobre ela for verdade ela vai precisar de muito tempo para se explicar.”* Esta fala nos mostra explicitamente o caráter heteronormativo presente na sociedade, o fato de não ser homem/mulher ou ser caracterizada como um homem lutando contra uma mulher, ou ser algo que não consegue ser definido por não estar dentro do padrão binário e do discurso biologicista.

O anúncio de que Fallon é um transexual leva a uma discussão pública sobre a participação dos transexuais no esporte. A imprensa mostra a ficha de inscrição na qual a opção feminino foi marcado e questionam se a participação dela é justa, se é igualitário; a imprensa diz que nem o diretor do UFC, Dana White, sabia desta situação e a especulação dispara na imprensa. Esses aspectos julgados como impróprios perdura pelo modelo binário que tem como padrão dois sexos distintos homem/mulher, sendo reproduzidos padrões de masculinidade e feminilidade. Os telespectadores, lutadores e dirigentes adotaram esta referência em seus discursos e ideais, ao levarem em consideração que era imprópria a presença de Fox na luta contra mulheres.

Muitas pessoas são convidadas a dar opinião entre médicos, especialistas e pessoas vinculadas ao esporte. O discurso médico, levando em consideração o aspecto biológico é muito presente e levando em consideração. A ideia de que esse corpo é patológico, um corpo que não está dentro da norma de ser macho/fêmea é muito evidente. O corpo que ainda impera é aquela que habita entre ser homem ou ser mulher, neste discurso a transitoriedade entre masculinidade/feminilidade ela não é aceita e compreendida. O sujeito deve ser isso ou aquilo, o que não entra nesta norma é tido como bizarro, estranho, anormal e sobre repulsa e abjeção de outros. O sujeito que é tido como homem, nessa ideia ele será sempre homem em sua essência e natureza. Por isso então não é passível de entendimento que confronte uma mulher no octógono. Como verificamos na fala dos

comentaristas “Você não pode dizer que uma mulher e um homem de 65kg são iguais. Apenas 6 anos tomando hormônio, isso é ridículo”. Do ponto de vista da lutadora Ronda “Lutadores transgênero deveriam ser avaliados caso a caso” e para o organizador do evento, Dana White, “A estrutura óssea é diferente, as mãos são maiores, a mandíbula é maior. Tudo é maior”.

A presença do corpo *queer* no octógono nos fez perceber o quanto o discurso biomédico está presente, sendo este ditador do que será aceito e do que pode ou não ser considerado dentro da normalidade para ser assim aceito. Este corpo permeando o mundo das lutas nos permite visualizar as pluralidades, possibilidades corporais e discussões acerca das mudanças e transitoriedade entre masculinidades/feminilidade nos mostrando a construção da feminilidade em um corpo masculino e/ou a masculinidade em um corpo feminino. O discurso biomédico é o que irá caracterizar e hierarquizar esse sujeito como sendo normal ou patológico. Os telespectadores, atletas e dirigentes não trazem ao léu sua opinião de que o corpo e a identidade de Fallon Fox é desviante, sendo somente efetivada e mudada quando reafirmada pelo discurso biomédico.

A imprensa utiliza de fotos de Fallon e suas oponente para comparar seus corpos “femininos”; contraditoriamente no MMA os corpos são todos musculosos, fortes, corpos atléticos característicos de pessoa que treinam muito. Entretanto, busca-se respostas em estereótipos corporais associado ao “ser feminino”.

Um dos comentaristas, se refere ao corpo musculoso da oponente de Fallon e diz: “*se você olhar as duas lado a lado você diria que Ericka tem a vantagem...*”, a discussão biológica não para.

Ela é convidada a dar uma entrevista na qual responde questões de forma a levar ao entendimento social sobre o que é ser transgênero. Nesta mesma entrevista a oponente Ericka também participa e na dificuldade de responder a questão feita pela jornalista o seu treinador logo assume a resposta das perguntas de forma agressiva, ressaltando a fragilidade da atleta Ericka diante desta situação. Um corpo que não é aceito e definido, assusta, sendo o treinador dotado de argumentos para mostrar que nem eles mesmos sabem definir e identificar o lugar desse corpo e identidade de Fallon Fox e o que seria esse corpo. Retomando a nós a pergunta qual o lugar do transgênero?

Fallon vai para a pesagem com Allanna Jones e aparece de biquíni, seu corpo feminino mais uma vez chama a atenção. Enquanto isso, áudio falando que “*Fallon Fox está zombando do MMA feminino*”, imprensa falando que um suposto boicote ao evento, sobre a solicitação de seguranças extras.

Ao entrar no octógono Fallon é recebida com muitas vaias e as apostas são 68 para Allanna contra 1 para Fallon. Fallon ganha a luta no terceiro *round* e ganha vaias do público.

Na cena seguinte Fallon está em uma parada gay e encontra o primeiro transexual a participar como atleta de triatlon, Cris Mosier. Ele destaca que quando mudou de mulher

para homem ninguém o deu a menor vantagem por se tornar homem; fala sobre a falta de informação das pessoas e dos questionamentos que ele ouvia no sentido se ele ainda seria competitivo. Questiona-se se a mudança de homem para mulher e de mulher para homem são diferentes? Será que existe um processo mais justo para o esporte?

Sem respostas a esta pergunta, continuamos a observar no documentário Fallon e o ativismo e a sua luta social em prol dos transexuais.

A luta final é marcada por pouca interação, Fallon com público é um misto de rejeição pública com um gosto de vingança, tal fato fica claro quando Fallon perde a luta e toda a torcida ovaciona Ashlee (que havia sido apoiada o tempo todo).

O árbitro da luta parece permitir que Fallon apanhe bastante, fica claro (principalmente para nós lutadores) que o árbitro agiu equivocadamente ao permitir que Ashlee socasse Fallon por mais tempo do que o recomendado para parar a luta. Outro fato é que o árbitro anuncia a vitória de Ashlee enquanto Fallon está sentada no banco do corner, como de praxe nas lutas o árbitro sempre convida os dois lutadores para o anúncio, neste caso, Fallon não foi convidada a participar do anúncio. As ações do árbitro corroboram com sentimentos de repulsa e exclusão pública em relação a Fallon.

Mesmo diante desta situação Fallon fala da possibilidade e oportunidade de lutar como transexual e de como tudo isso deu visibilidade a esta causa. Destacando sua condição enquanto negra, homossexual e trans, pela primeira vez aparece a namorada e a filha também vai apoiá-la na luta seguinte.

O documentário termina com Fallon treinando, participando de movimentos ativistas e continuando ignorada tanto pelo INVICTA quanto pelo UFC; enquanto Ashlee teve oportunidade no UFC.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Editora Garamond, 2006.

BRACKEN, Len. *Guy Debord Revolutionary*. 1997.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FERNANDES, Vera et al. **Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA**. *Journal of Physical Education*, v. 26, n. 3, p. 367-376, 2017.

GASTALDO, É. **Kickboxers: esportes de combate e identidade masculina**. 1995. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) em Antropologia Social.

GRESBAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, 2014.

GRILLO, J. G; GARRAFFONI, R. S; FUNARI, P.P (Orgs.). **Sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas**. São Paulo: Annablume, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MAIA, Cleiton Machado; LINS, Felipe Magalhães. Quantos lados pode ter um octógono?: gênero, corpo e homossexualidade no UFC. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, v. 10, 2013.

MELO, V.A.; VAZ, A. F. **Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade**. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B (Orgs.) Universo do corpo: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p.117-135.

SOARES, Priscila Gonçalves; **Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG: o discurso do Jornal O Pharol (1876 - 1915)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Departamento de Educação. 2010.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; FERNANDES, Vera Lúcia Ferreira Pinto. **Resenha do livro mulheres no octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades**. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 23, n. 2, p. 797-802, 2017.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abuso sexual 11, 53, 58, 59, 60, 61, 63, 117, 146

Acesso à justiça 15

Adolescência 107, 109, 125, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152

Adolescente 53, 132, 133, 134, 136, 138, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152

Afrodscendente 103, 108, 113, 114

Agressores masculinos 26, 30

Ansiedade 58, 116, 117, 125, 126, 127, 130, 131

Arima 164, 169, 170, 171, 172

### B

Bonecas da moda 64

### C

Castidade 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Conselhos de saúde 42, 44, 45, 50, 51

Contrato social 1, 5, 6, 7, 13, 118

Criança 50, 53, 55, 58, 59, 64, 73, 75, 82, 120, 144, 145, 151

### D

Desigualdades de gênero 1, 46

Direito internacional 42, 51

### E

Empoderamento feminino 64, 65

Experiências 18, 22, 23, 24, 30, 34, 51, 66, 68, 69, 70, 96, 103, 104, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 123, 129, 143, 144, 148

### F

Fallon fox 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162

Feminismos 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25

### G

Gênero 10, 11, 12, 13, 14, 25, 28, 29, 37, 40, 41, 46, 48, 49, 52, 95, 98, 102, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Gênero 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32,

33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 59, 60, 61, 63, 72, 75, 77, 79, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 114, 116, 117, 118, 120, 121, 128, 130, 131, 143, 146, 147, 152, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Grupos de estudo 103, 104

Grupos de intervenção 26, 31

## I

Igualdade de gênero 45, 48, 49, 75, 87, 98, 164, 165, 166, 169, 173, 174

Importunação sexual 15, 16, 18, 19, 20, 25

Intervenção psicológica 26, 32

## L

Lugar esportivo 154, 158

Lugar social 2, 3, 154, 158

## M

Masculinidade 26, 27, 28, 29, 30, 34, 38, 99, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 155, 159, 160, 161, 163

México 26, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 52, 141, 142

Morte trágica 78

Mulheres 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 63, 64, 65, 70, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 87, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 128, 129, 131, 147, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177

## P

Participação popular 42, 167

Paternidade adolescente 132, 133, 134, 136, 140

Pertencimento racial 103, 104, 105

Pessoas Transgênero 154

Planos Municipais de Educação (PME) 90

Políticas públicas 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 59, 61, 82, 113, 119, 132, 133, 138, 142, 147, 174, 175

Promoção da saúde 143, 151

## R

Representações femininas 1

Representações negras 64

## **S**

Santarém 164, 166, 169, 170, 171, 174

Santidade 78, 80, 83, 85, 86, 87

Saúde da mulher 42, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 149

Semiárido 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Semiótica 64, 66

Sexualidade 8, 12, 18, 30, 41, 51, 84, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 116, 119, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 176, 177, 178

Sofrimento 17, 31, 79, 80, 83, 116, 117, 120, 125, 126, 127, 129

## **T**

Teorias da justiça 1

Trabalho formal 164, 166, 169, 171, 173, 174

## **V**

Violência doméstica 11, 16, 17, 20, 26, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 79, 88





Violência masculina 26, 33, 39



# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais e práticas educativas



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)





 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais  
e práticas educativas



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Atena  
Editora  
Ano 2021